

## Nossa arte

Joaquim Ponce Leal



A um tempo a "Capoeira" é luta e dança acrobática.

Desde muito tempo tem sido estudada por sociólogos, antropólogos e folk-loristas.

Hoje conseguiu ser considerado uma expressão cultural de certas capas da estratificação cultural brasileira.

Mas nem sempre teve esse status, de item de estudo social. "Capoeira", antigamente era, mais ou menos, sinônimo de crime, coisa de malfeitores. Usada como arma de defesa de negros escravos, a "capoeira" tem origem, segundo certos autores, no continente africano. Luiz da Câmara Cascudo, por exemplo, diz que a "Capoeira" foi introduzida no Brasil por escravos bantos de Angola. A

introdução no Brasil pode ter sido feito por esses bantos. Mas, segundo certos especialistas, a origem da "Capoeira" está na Marinha de Guerra portuguesa. Com os marinheiros portugueses os africanos teriam aprendido essa arte de luta dança. De fato, a "capoeira" era desconhecida na África, até que regressaram ao continente negro, ex-escravos, depois da Lei Áurea.

Muitos folk-loristas têm insistido nessa afirmação quanto às origens não africanas da "capoeira".

Os marinheiros portugueses acrescentavam algo que não existe na "capoeira" praticada na Bahia, no Rio de Janeiro e no Recife. Limavam uma moeda grande de prata ou de cobre, até torná-la uma

verdadeira lâmina. E a introduziam no sapato. Com essa arma tentavam riscar o rosto do adversário.

No tempo do Império a "Capoeira" foi muito praticada. Inclusive por jovens de famílias fidalgas, que, muitas vezes, chefiavam maltas de negros "capoeiras". Esses lutadores obedeciam às ordens desses rapazes, que se divertiam, se dirigindo, à noite, para irem atacar outras maltas de capoeiras, em bairros distantes.

Entre esses moços aristocratas capoeiras, um entrou na História do Brasil; o filho do Visconde do Rio Branco, o "Jucá" Paranhos, como era conhecido o futuro barão do Rio Branco. "Jucá" Paranhos era um grande capoeira. E quem sabe se sua prática dessa luta não influenciou a psicologia do futuro chanceler, preparando-o, de certa forma, para, os sutis embates diplomáticos. Porque a "capoeira" não é só violenta, é cheia de sutilezas. Dois grandes capoeiras que sejam realmente "virtuosos" dessa arte, podem lutar durante uma hora, ou mais, sem serem feridos, apenas se defendendo dos golpes.

Mas a "capoeira" também foi um sério problema de ordem pública. Tão grande que, capoeiras armados de navalha atacavam unidades militares em desfile. E conseguiam dispersar as tropas. De modo que as tropas do Exército e da Marinha tinham de desfilar com baionetas caladas e em posição de combate.

O Chefe de polícia Sampaio Ferraz enfrentou esse problema e conseguiu resolvê-lo, usando da maior energia.

Prendendo-os, e quando possível, incorporando-os ao Exército. Essa incorporação de elementos malfeitores e indisciplinados ajuda a explicar a gravíssima revolução separatista do Extremo Oeste (Mato Grosso), em 1892, quando certos oficiais insurgentes conseguiram dominar o comando de certas unidades militares, usando-as com propósitos políticos, naquele tempo de lutas pela Consolidação da República.

Entretanto, a "capoeira" teve também seu momento de glória. Foi quando após a inauguração da Avenida Central, no começo do século, se promoveu uma luta entre um japonês lutador de jiu-jitsu, e um capoeira. O japonês era Sodo Miako, o Conde Kano. Seu adversário brasileiro, era um mestiço franzino, contrastando com a robustez do nipônico.

Não havia dúvida que o japonês deveria vencer. Mas não venceu. O "Macaco", como era conhecido o brasileiro, era um homem mirrado, de 30 anos, um estivador, apesar de seu físico não atlético. O "Macaco" aplicou um rabo-de-arraia no japonês. Este se abaixou. E foi pior, atingido na cara pelo golpe que o precipitou longe do tablado. A assistência, em sua maioria de estudantes de medicina, delirou. O "Macaco" foi conduzido em triunfo. "A Ásia curvou-se ante o Brasil", começaram a dizer.

O primeiro autor a escrever sobre "Capoeira" foi Plácido Abreu, em 1886. Coelho Neto e Luiz Edmundo escreveram sobre capoeira, em suas obras. E também em "O Cortiço", de Aluizio de Azevedo, aparece um personagem, Firmo, o Capoeira. Falta acrescentar que a

"capoeira" foi usada como arma por alguns políticos sem escrúpulos. O Deputado Duque Estrada Teixeira, por exemplo, esteve envolvido num caso em que seus capangas capoeiras se excederam. A propósito, duas maltas de capoeira ficaram famosas: a Guaiamus (um nome tupi) e a Nagô, (um nome africano).

Esses capoeiras, ancestrais do Malandro, desapareceram. Hoje sobrevivem conjuntos de capoeira que se exibem, como artistas, em teatros, boates, clubes, mostrando seu virtuosismo nessa luta-dança.